

Paulistana nata, estreou em 1948, sendo, por isso, filiada à chamada *geração de 45*. Seus três primeiros livros foram edições particulares: *Caminho* (1948), *A noiva do horizonte* (1953) e *Autobiografia de mãos dadas* (1958). Depois desses, publicou: *Janela de apartamento* (Ilapalma, 1968), *Sai do lírico* (Ed. Quíron, 1978), *Genetrix* (Massao Ohno; Maria Lygia P. de Albuquerque, 1982) e *Canteiro de obras* (Scortecci Edicon, 1985). Publicou ainda um livro de poemas juvenis: *Brincando de amor* (Ed. Moderna, 1994). Participou de vários movimentos de divulgação de poesia, como *Poesia na praça*, exposição de poemas em cartaz na Feira de Arte da Praça da República de São Paulo, 1969, quando, com Neide Archanjo, criou os *varais de poesia*, hoje comuns no país todo. Recebeu dois prêmios Jabuti de literatura: o de Poesia, em 1987, com *Canteiro de obras*, e o de Ficção Juvenil, em 1990, com *A menina que fez a América*. Atualmente, dedica-se à crônica, escrevendo semanalmente em seção do Diário Popular de São Paulo.



Ilka Brunhilde Laurito

Os poemas apresentados fazem parte do livro inédito, de reminiscências paulistanas de infância, *Vida & volta*.

Recital de Poesia

Enquanto o conde de Afonso Celso se me ufanava do nosso país,
 Bilac me dizia: — Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!
 Eu olhava e não via nada: só um enfarruscado céu que garoava
 sobre os paralelepípedos das ruas tortas de São Paulo.
 Já o meigo João de Deus me perguntava compassivamente:
 — De que choras tu, anjinho?
 Esperando que eu lhe respondesse:
 — Tenho fome e tenho frio!
 Mas eu não tinha. Nem era como ave caída ainda implume do ninho.
 Mesmo que algumas vezes, sem porquê,
 me parecesse tão órfã a meninez,
 que uma lágrima celeste, ingênua e luminosa
 deslizava em silêncio ante o olhar cínico do Guerra Junqueiro.
 Então, a minha mão, tremendo, abria a porta da prisão.
 E aquele pássaro cativo do meu peito
 ensaiava asas, fugia à escravidão,
 fazendo esvoaçar sobre mim, timidamente,
 as penas primeiras
 do poema.

Radici

Mussolini marchava sobre a Abissínia
e Mimi tossia sobre os ombros de Puccini.
Era lindo morrer numa água-furtada de Paris,
jamais viver na Rua São Joaquim, tão modestinha.
Addio addio senza rancor.
Mas havia Buck Jones galopando nas matinês do Capitólio
e os meninos da rua que faziam estremecer a espinha tímida.
As goiabas do quintal, porém, criavam bichos,
e Mussolini vencia a guerra da Abissínia.
— Viva el Duce, gritava o pai, que torcia pelo Palestra Italia.
— Oh io, como son mutata,
estrebuchava a Traviata no rádio familiar.

(Estrebucha ainda
e mutata sono io).

A vizinha de meia-idade agonizava atrás da meia-parede
que vazava o choro murcho e solitário
da irmã solteirona que um dia engaiolara os pássaros.
Hailé Selassié (e negus era)
negava-se aos pés de Mussolini,
que fincava o tacão no solo da Abissínia.
Mimi morria. Morria a vizinha, sem Rodolfo e sem Puccini.
Crescer, lutar, viver, amar era terrível, meu querido diáriozinho.
Só se fosse possível dançar como Fred Astaire
e cantar como a Deanna Durbin.
E berrar na rua rabiscada com carvão e giz:
— Calçadinha é minha, calçadinha é minha, não é do rei!

(Mas era do rei. Sempre foi do rei.)

Ora, Dirieis

Morava no Brás a moça Iria, morava no Brás,
numa casa de italianos igual às casas italianas
de uma rua estreita piscando lampiões de gás.
Morava no Brás, o bairro dos compadres.
E as comadres diziam — ai, poveretta da pobre moça Iria!
Que tinha o coração fraco, pulsava-não-pulsava, a moça Iria,
que iria morrer cedo a moça, Iria.
Um dia, não, uma noite pálida e umedecida,
me levaram de visita à moça Iria
— anjinho agoureiro em procissão de despedidas.
E eu vi a moça
— era o sopro no coração que a fazia tão frágil e longínqua?
Eu vi a moça, tímida e franzina
como a noite que tremia nas ruas de São Paulo
encasacada em garoas e neblinas.
E me deu um beijo na testa, a moça Iria,
no ponto destinado à luz de auréolas.
E me levou à janela.
Era distante o céu do Brás, próximo e íntimo do olhar da moça Iria,
que me contava baixinho
(seu coração em sopro de surdinas)
o mistério das estrelas mortas cuja luz ainda vivia.
E eu via e ouvia a moça Iria
como se velas bruxuleantes cantassem litanias.
Mas nunca mais a vi e ouvi.
Nem sei se o Brás, quando escavou o metrô, no outro dia,
esbarrou na sepultura esquecida
onde couberam os sonhos, sopros e agonias do coração da moça Iria.
Só sei que às vezes,
quando abro as janelas pálidas de espanto,
vejo a tremeluzir a moça Iria
no céu de fluidos lampiões de infância.
E volta a pingar nos meus ombros a chama de velas já extintas.
E eu sei quem chama.
Irei, Iria.

Educação Moral e Cívica

Na Revolução de 24, meu pai,
sob o fogo cruzado entre o Morro do Piolho e a Conselheiro Furtado,
houve por bem fugir com os trastes e a família
para os muito longes da Lapa
enquanto os legalistas ameaçavam bombardear a Liberdade.
Mas voltou depois do tiroteio
e reconquistou a casa.

Na Revolução de 32, meu pai
houve por bem dar ouro para o bem de São Paulo.
E, para o meu bem, fez-me brincar, infante cívica,
de marcha-soldado-constitucionalista.

Sob o golpe de 37, meu pai,
com uma tarja de treze listas,
acendeu velas votivas no Largo da Pólvora
e desceu enlutado a Rua da Glória.

No Instituto de Educação Caetano de Campos
me educaram na história institucional do povo egípcio
soterrado nas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos.
Mas se esqueceram de contar que as rosas dos jardins da praça
tinham sido regadas
por Dráusio, Martins, Camargo e Miragaia.
Estudante do Brasil,
minha missão em feriados nacionais nacionalistas
era marchar na Av. São João com o uniforme da ditadura
enquanto meu pai lia notícias de guerra no *Fanfulla*.

Marchas e contramarchas mais tarde,
meu pai, herói sem farda,
sem batalhas (nem medalhas),
mas exausto,
achou por bem morrer
antes da Revolução de 64.